

VINICIUS LUMMERTZ

Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo

Para governar é preciso de cultura?

Poucas palavras são tão mal compreendidas na vida pública quanto cultura. Costumamos associá-la às artes, à literatura, aos museus, ao patrimônio. Tudo isso é cultura, mas fica longe de esgotar seu significado. Cultura é também repertório: conhecimentos, experiências, referências e valores que ampliam nossa capacidade de compreender o mundo, estabelecer relações, formular perguntas melhores e encontrar soluções para problemas complexos.

Há mais de dois mil anos, Confúcio colocou educação, cultivo pessoal e qualidade dos dirigentes no centro da ordem pública, e isso guia a China de hoje; Aristóteles chamou de phronesis a sabedoria prática necessária para deliberar sobre aquilo que não admite respostas automáticas, e isso guiou o Ocidente. O mundo mudou, os problemas ganharam escala, mas a questão permanece: que repertório têm aqueles a quem entregamos decisões complexas?

Na era da informação, essa pergunta tornou-se vital. Informação é composta de dados; conhecimento resulta do processamento desses dados pelo repertório humano, uma espécie de software que vamos ampliando pela educação, cultura, experiência e contato com o diferente. Um repertório amplo permite relacionar fatos, perceber nuances e imaginar alternativas. Um repertório estreito pode receber uma quantidade infinita de dados e continuar produzindo respostas limitadas.

Há nisso um paradoxo contemporâneo. A mesma tecnologia que democratizou o acesso à informação criou filtros cada vez mais poderosos. Algoritmos, interesses políticos e econômicos, formadores de opinião, meios de comunicação e nossas próprias preferências selecionam o que vemos. Formam-se bolhas nas quais recebemos mais informação, mas não necessariamente mais diversidade. Quando o repertório não se amplia, o filtro derrota a vantagem informacional.

É aí que cultura e política se encontram. Governar o Brasil no caminho que sonhamos significa lidar simultaneamente com educação, pobreza, produtividade, infraestrutura, segurança, tecnologia,

meio ambiente, relações internacionais e desigualdades regionais, num mundo em transformação acelerada. Nenhum desses problemas pertence a uma única disciplina. Todos exigem formação, conhecimento, experiência, inovação, liberdade intelectual e a maestria de combinar saberes.

Um governo nunca é o governo de um só. Uma das melhores medidas da qualidade de um governante também se reflete na qualidade das pessoas que consegue atrair. O grande líder não precisa saber mais do que todos; precisa ter repertório para reconhecer excelência, segurança para cercar-se de quem sabe mais do que ele em diferentes áreas e capacidade de transformar talentos individuais em inteligência coletiva orientada por um projeto.

Aprendi isso pela experiência. Convivi e trabalhei com pensadores como Domenico De Masi e Ignacy Sachs e participei dos governos Fernando Henrique Cardoso, Luiz Henrique da Silveira, em Santa Catarina, Michel Temer e João Doria. Eram circunstâncias e personalidades muito diferentes, mas pude observar um traço comum desses governos que aumentaram suas capacidades de realização por terem atraído pessoas preparadas e permitido o confronto de ideias e a organização de competências distintas em torno de objetivos maiores.

Fernando Henrique trouxe para o governo o repertório do intelectual; Ruth Cardoso mostrou como conhecimento e inovação social podem transformar-se em políticas públicas. Temer reuniu, em meio a uma grave crise, uma equipe experiente para enfrentar uma agenda econômica e institucional igualmente grave. Doria buscou especialistas e gestores reconhecidos em diferentes áreas. Em Santa Catarina, Luiz Henrique compreendia que desenvolvimento, educação e cultura faziam parte da mesma construção; a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, em Joinville, permanece como símbolo de uma sociedade capaz de buscar excelência no mundo para produzir excelência aqui.

Darcy Ribeiro compreendeu que educação e cultura pertencem ao projeto de construção de uma nação. De Masi percebeu que conhecimento e criatividade se tornariam matérias-primas fundamentais da sociedade pós-industrial. Sachs ensinava a

compreender o desenvolvimento em suas dimensões econômica, social e ambiental. A lição que os aproxima é simples: problemas complexos não se resolvem reduzindo a realidade, mas ampliando o repertório com que a interpretamos.

Países que deram grandes saltos compreenderam isso. Singapura fez da formação de seus quadros uma estratégia nacional. China e Índia investiram maciçamente em educação, ciência, engenharia e capacidade administrativa. As democracias europeias construíram instituições e tradições de serviço público que atravessam governos. Sistemas políticos diferentes chegaram, por caminhos distintos, a uma mesma evidência: sociedades complexas exigem governos preparados para a complexidade.

O Brasil, pela dimensão de seus problemas e ainda mais pela dimensão de suas possibilidades, precisa elevar esse padrão. Temos recursos naturais, diversidade cultural, empresários, cientistas, universidades, artistas e profissionais capazes de competir no mundo. O desafio é transformar essa inteligência dispersa em equipes e projetos de país.

Para isso, a democracia também precisa aprender a distinguir. Bons governos e maus governos, equipes preparadas e improvisadas, conhecimento e amadorismo não são equivalentes. Quando os filtros de interesse e as bolhas tornam essas diferenças invisíveis, a sociedade pode ter liberdade para escolher e perder a capacidade de escolher bem.

Por isso, a política deve ser educativa, não deseducativa. Formadores de opinião, imprensa, universidades, empresários, intelectuais e homens públicos têm a responsabilidade de ampliar, e não estreitar, o repertório da sociedade. Os cidadãos, por sua vez, precisam querer aprender a distinguir.

Na era da inteligência artificial, informação será abundante; discernimento no Brasil continuará raro. Para um país do tamanho do Brasil, não basta perguntar quem governará. É preciso perguntar com quem governará, que inteligência será capaz de reunir e que projeto de país conseguirá construir. A democracia nos dá o direito de escolher. Cultura, repertório, formação, experiência e conhecimento nos dão algo igualmente precioso: a capacidade de escolher melhor.

PATRICIA AUDI

Presidente da Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica

O Brasil precisa falar mais sobre segurança elétrica

A energia elétrica está presente em praticamente todos os momentos da vida moderna. Ela ilumina cidades, movimenta hospitais, mantém escolas e empresas em funcionamento, conecta pessoas e impulsiona o desenvolvimento do país. Mas, ao mesmo tempo em que transforma vidas e gera oportunidades, exige atenção e respeito. Para as distribuidoras de energia, levar eletricidade com qualidade é tão importante quanto promover o seu uso seguro e preservar vidas.

Essa preocupação tem razão de ser. Em 2025, o Brasil registrou 703 acidentes envolvendo a rede elétrica. Foram 252 mortes, além de centenas de pessoas feridas. Por trás desses números estão trabalhadores, famílias e comunidades impactadas por situações que, em muitos casos, poderiam ter sido evitadas.

Os acidentes acontecem em atividades do dia a dia. Em obras e reformas realizadas próximas à rede elétrica. Na operação de máquinas agrícolas e guindastes. Em ligações clandestinas. Durante tentativas de retirar objetos presos à fiação. Ou ainda quando pessoas se aproximam de cabos caídos após tempestades, sem perceber os riscos envolvidos.

A construção civil continua liderando as estatísticas nacionais, com 227 acidentes registrados e 68

mortes. Também chama atenção o crescimento dos casos envolvendo equipamentos agrícolas, máquinas e guindastes operados próximos à rede elétrica, que praticamente dobraram em relação ao ano anterior.

Esses números mostram que o desafio vai além da infraestrutura. Eles revelam a necessidade de fortalecer uma cultura de prevenção e conscientização capaz de transformar comportamentos e evitar tragédias.

O Brasil avançou significativamente em temas como segurança no trânsito, uso de equipamentos de proteção individual e prevenção de acidentes de trabalho. Ainda assim, quando falamos sobre energia elétrica, muitas vezes prevalece a falsa sensação de familiaridade. Como convivemos diariamente com a eletricidade, tendemos a subestimar seus riscos.

A falta de percepção do risco aparece em situações comuns. Ela está presente quando alguém empina uma pipa próximo à rede elétrica. Quando um trabalhador realiza uma reforma sem observar a distância segura dos cabos. Quando um equipamento agrícola é operado sem planejamento em áreas energizadas. Quando pessoas tentam retirar objetos presos na fiação ou se aproximam de cabos caídos após tempestades.

Também aparece em práticas que, além de ilegais, representam grave ameaça à vida, como as ligações clandestinas e o furto de cabos elétricos. Juntas, essas ocorrências foram responsáveis por 58 acidentes e 25 mortes no último ano.

É importante compreender que segurança elétrica depende de uma rede de conscientização que

envolve empresas, trabalhadores, escolas, poder público, famílias e cidadãos.

Esse é um desafio especialmente relevante em um momento em que o Brasil amplia sua infraestrutura, expande atividades econômicas e incorpora novas tecnologias ao cotidiano. Quanto maior a presença da energia em nossas vidas, maior deve ser nossa capacidade de conviver com ela de forma segura.

A boa notícia é que a maioria desses acidentes pode ser evitada. Informação salva vidas. Orientação salva vidas. Comportamentos responsáveis salvam vidas.

É justamente essa convicção que inspira a 20ª edição da Campanha Nacional de Segurança com a Rede Elétrica, promovida pela Abradee e suas distribuidoras associadas. Mais do que divulgar números, queremos estimular uma reflexão coletiva sobre escolhas que fazemos todos os dias e que podem representar a diferença entre a prevenção e a tragédia.

Quando falamos em segurança elétrica, não estamos tratando apenas de indicadores ou estatísticas. Estamos falando de pessoas.

Cada acidente representa uma história interrompida. Um trabalhador que não voltou para casa. Um jovem que perdeu a vida durante uma brincadeira. Uma família que precisará conviver para sempre com as consequências de uma decisão tomada em poucos segundos.

Por isso, é hora de deixarmos de enxergar esses episódios como fatalidades inevitáveis. Na maioria das vezes, eles não são. São tragédias que podem, e devem, ser prevenidas.